

Vitorino Nemésio

Obra Completa

Ficção
II

Varanda
de Pilatos

A Casa
Fechada

Edição
de Luiz Fagundes Duarte

Imprensa Nacional · Companhia das Ilhas
Lisboa · Lajes do Pico
2021

ÍNDICE GERAL

Nota editorial, 7

VARANDA DE PILATOS

[Dedicatória e carta], 23, 25

Capítulo I — *O carro do Trigueiro e as circunstâncias dele*, 29

Capítulo II — *Fernanda, algumas ideias marotas e um passeio*, 45

Capítulo III — *Em que se corta o fio do romance para se abordar várias fases do pensamento do herói. Sem consideração de tempo nem de espaço, de tudo se trata um pouco, motivo pelo qual o pio leitor nada perde em saltar a leitura*, 63

Capítulo IV — *Da primeira desilusão que Venâncio, por ser ingênuo, experimentou em tratamentos de amor, que é vário e movediço*, 81

Capítulo V — *Em que se conta como os amores pastoris geram o lance heroico*, 101

Capítulo VI — *Em que o leitor conhece uma personagem de vulto nesta verídica história. Fala-se do amor livre, e Venâncio decide converter-se à grei dos anarquistas*, 115

Capítulo VII — *Da revolução social nos fossos do castelo*, 139

Capítulo VIII — *O pai de Venâncio delira e a revolução fracassa*, 157

Capítulo IX — *Em que Venâncio é investido na dignidade terrível de Vingador cilhado*, 185

Capítulo X — *Pequeno excurso sobre umas férias amenas e um incidente inglório*, 205

Capítulo XI — *Trama-se a fuga de Venâncio num quarto de hospital, e vai avante. O romance termina abandonando-se o herói a qualquer fado que o espere: — «Anda amanhã a roda, há um bilhete ou décimo!», 229*

Epílogo, 247

In Memoriam, 253

A CASA FECHADA

[*Dedicatória e carta*], 257, 259

O Tubarão, 261

Negócio de Pomba, 315

A Casa Fechada, 431

Plano da coleção, 479

Editor deste volume, 483

Nota editorial

Depois de publicado o volume que contém a única peça de teatro e os contos de Vitorino Nemésio — *Amor de Nunca Mais* (1920), *Paço do Milhafre* (1924) e *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949)¹ —, chega agora a vez do primeiro romance do autor — *Varanda de Pilatos* (1927)² — e das três novelas por ele reunidas no volume *A Casa Fechada* (1937)³.

Varanda de Pilatos — que, ao longo da sua composição, teve títulos provisórios como *O Meu Nome é Venâncio*, *O Curioso Adolescente* ou *Um Rapaz que era assim* — é, de certa maneira, um livro mal-amado: pelo próprio autor, que logo na carta-dedicatória à sua mulher o classifica como «uma manta de retalhos» onde se narra «uma gesta que marcha direita a nenhures» e gira à volta de um protagonista que não passa de «um joguete»;

1 *Teatro e Ficção I. Obra Completa de Vitorino Nemésio*. Lisboa/Lajes do Pico: Imprensa Nacional/Companhia das Ilhas, 2018.

2 *Varanda de Pilatos*. Romance. Paris e Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, s. d. [1927]. A título de curiosidade: nesta edição são referidas, como Obras de Vitorino Nemésio, *Paço do Milhafre* (contos), *Camilo* (conferência) e *Varanda de Pilatos* (romance), já publicadas, e, como estando no prelo, *O Alfarrábio e a Dama* (romance) e *Na Parada e na Arena* (novelas). Enquanto será possível relacionar a conferência *Camilo* com a crónica homónima que viria a ser publicada em *Ondas Médias. Biografia e Literatura* (1945; veja-se, nesta coleção, o volume de *Crónica I*, pp. 215-219), as duas últimas obras nunca terão sido escritas ou, se o foram, delas não ficaram testemunhos. Porém, em carta a Unamuno de 13 de maio de 1929, diz o seguinte: «O *Alfarrábio e a Dama*, que anuncio, é uma novela em que projecto reincidir sobre o tema da infância e da adolescência, mas sem a moleza com que me movi na *Varanda*. Irei directo aos sentimentos que dormem na lagoa encantada da minha alma, desdenhosa de toda a exterioridade e circunstância.» Em *Epistolario português de Unamuno*. Introducción, lectura y notas de Ángel Marcos de Dios. Paris: Fundación Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1978.

3 *A Casa Fechada*. Novelas. Coimbra: Armenio Amado, Editor, 1937.

e, muito mais tarde, em 1971, numa passagem de umas notas autobiográficas dedicadas a David Mourão-Ferreira, afirma secamente que este «romance não presta». Passe embora a possibilidade de tais afirmações se integrarem numa estratégia convencional de modéstia do autor em referência à própria obra — até porque o livro fora aceite e publicado por Júlio Monteiro Aillaud (1858-1927), a quem chama «editor magnífico» no *In Memoriam* que lhe dedica e que encontramos no fim do volume, e com o apadrinhamento de escritores reconhecidos como Raul Brandão e Aquilino Ribeiro —, a verdade é que não se conhece qualquer intenção de Nemésio em o reeditar, tendo-o assim deixado no limbo virtuoso das obras de juventude. Sabemos, no entanto, que enviou o original a Aquilino Ribeiro, que lho devolveu com algumas críticas:

o seu livro parece-se com uma árvore muito copada e cheia de seiva que é preciso podar. Tem ramos a mais que julgo indispensável deitar abaixo, a bem do desenvolvimento do tronco. [...] Não tenha dó de cortar nos primeiros capítulos; monde; ampute; simplifique à valentona que tem pano para mangas. [...] O Venâncio está bem delineado, assim como as figuras femininas. Todavia a fauna familiar em que o herói se move parece-me vasta de mais. Você plantou ali um alfofre de tias, algumas traçadas com suavidade e segurança, mas são tias a mais.⁴

Não consta que Nemésio lhe tenha dado ouvidos.

Foi também um livro mal-amado pelos seus conterrâneos: ao localizar a ação na sua ilha natal, a Terceira (embora com os topónimos transfigurados), e socorrendo-se de pessoas reais da ilha para construir as suas personagens (incluindo ele próprio, sob a pele de Venâncio Mendes,

4 Aquilino Ribeiro, em carta de 1926 [BNP, Esp. E₁₁/6708].

e os seus amores de juventude, Elisa e Fernanda, que, cada uma à sua maneira, já de leve anunciam Margarida Clark Dulmo, a heroína de *Mau Tempo no Canal*), Nemésio deu azo a que os leitores e a sociedade terceirenses identificassem as pessoas e os acontecimentos nele representados e, em certos casos, caricaturados; o mesmo será de dizer para a Maçonaria, e de um modo especial para os membros da loja «A Revolta», de Coimbra, onde Nemésio fora iniciado a 26 de junho de 1923, quando se viram confrontados com uma sátira de iniciação maçónica, na qual é possível identificar ecos muito claros, ainda que grosseiramente distorcidos, da iniciação do autor⁵.

E, finalmente, o romance não foi muito valorizado pela crítica: logo em finais de 1927, Hernâni Cidade considerou que este romance, da autoria de «um moço ainda, me parece, longe dos trinta anos, [...] é mais do que uma promessa alegradora — constitui, a muitos respeito, uma admirável realização, das que definitivamente impõem um nome», para concluir, depois de algumas amenas reservas, que se trata de um livro

saudável, equilibrado, cheio de sol, [...] risonhamente atento aos aspectos amáveis da vida; mas sem *vis dramática*, às vezes aflorado duma pontinha de indiferença que a espíritos desatentos poderá parecer meio cínica e, num trecho pelo menos — a ascensão ao monte — sacrificando ao insignificante algumas páginas que poderiam encher de beleza o livro!⁶

Depois disso, foi só em 1937, e a propósito do aparecimento de *A Casa Fechada*, que Adolfo Casais Monteiro se pronunciou de passagem acerca deste livro, dizendo que na obra de Nemésio até então publicada há

5 Veja-se, adiante, em *Varanda de Pilatos*, capítulo ix.

6 Hernâni Cidade, em recensão publicada na revista *A Águia*, 3.^a s., X, n.º 60, Porto, outubro-dezembro de 1927, p. 227.

algo a mais e algo a menos ao mesmo tempo. A mais, tanto na *Varanda de Pilatos* como no *Paço do Milhafre* (principalmente neste, que é o seu primeiro livro), o culteranismo, digamos assim, do estilo; a menos, certa humanização dos temas e das figuras sem a qual as criações romanescas não fazem vibrar dentro de nós aquela profunda «sensibilidade» em que sentir e compreender se confundem.⁷

Até que David Mourão-Ferreira, em 1969, afiançou tratar-se de «um romance que bem devia ser reeditado e voltar a ser lido»⁸ — o que só viria a acontecer, de facto, em 1992, quando foi republicado com um notável prefácio de José Martins Garcia⁹.

Varanda de Pilatos reúne, assim, as melhores condições para uma tempestade perfeita: é o primeiro romance do autor. É um romance claramente de aprendizagem e autobiográfico, narrado na primeira pessoa, o que não era do particular agrado da crítica dominante à época. Disfarça pessoas e acontecimentos reais, mesmo alguns que, tendo ocorrido em outros locais (como Coimbra), o autor situa na «ilha de Cristo» (a Terceira) — «onde fui nado e criado», como a dado passo confessa o narrador-protagonista —, deixando, no entanto, demasiadas pistas que os permitem identificar, o que tanto pode ser considerado como um ato propositado (o que bastaria para pôr os cabelos em pé à crítica bem-pensante, com destaque para

7 Adolfo Casais Monteiro, em recensão publicada na *Revista de Portugal*, I, n.º 2, Coimbra, janeiro de 1938, pp. 308-310. Recorde-se que Nemésio foi o fundador e diretor desta revista, que foi publicada entre outubro de 1937 e novembro de 1940.

8 David Mourão-Ferreira, «Sobre a Obra de Vitorino Nemésio. II», em *Tópicos de Crítica e de História Literária*. Lisboa: União Gráfica, 1969, p. 171.

9 José Martins Garcia, «Realidade e Ficção em *Varanda de Pilatos*», em *Varanda de Pilatos*. Introdução de José Martins Garcia, Nota Editorial de F. F. M. [Fátima de Freitas Morna]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Obras Completas de Vitorino Nemésio, vol. v. 1992, pp. 11-24. Infelizmente, esta edição apresenta alguns erros (como uma lacuna de texto correspondente a duas páginas da edição de 1927; veja-se, adiante, entre p. 157, linha 4, e p. 158, linha 29) que aqui são corrigidos.

a do grupo da revista *presença*, que nunca valorizou muito Nemésio), ou como uma ingenuidade de principiante (porém, não compatível com um jovem autor que já trouxera a público o sólido livro de contos que é *Paço do Milhafre*). E é um romance que, como já vimos, o próprio autor classifica como uma «manta de retalhos», se lido psicologicamente, ainda que reconheça que, lido à luz da lei da novelística, pode ser considerado «um tecido» (aqui com o valor etimológico de «texto»), e, logo, respeitável — a ponto de ser recomendado por autores consagrados e publicado por um grande editor: ou seja, temos aqui um romance que, embora viole, aqui e ali, os gostos e os bons costumes da época, no seu conjunto obedece às boas práticas da arte da novelística — na opinião do seu autor, é claro, que não na dos críticos, que não resistiram a situar o livro (e a avaliá-lo como tal) numa paisagem em que ele de facto não se encontrava. Mas isso não o preocupava, como viria a confidenciar a Irene Lisboa:

Prepare-se porém para surpresas e eclipses: em Coimbra, o Torga e outros assim consideram-me uma espécie de bicha de rabiar; nunca sou perfeitamente senhor das minhas fidelidades. Bravo à coragem com que se atira ao mar! Um romance de infância é perigoso, mas por isso mesmo cheio de açudes em que se conhece a mão do bom nadador ou a que Deus estende ao menino e ao borracho.¹⁰

De facto, Nemésio sabia em que águas nadava e onde estavam os açudes, e já tinha ideias muito consolidadas sobre o que seja o estilo de um escritor, as quais deixou muito claramente expostas num texto pouco posterior à publicação do romance e que os críticos de então provavelmente não terão lido — ou, se o leram, não lhes terá feito moossa:

10 Carta a Irene Lisboa, de 21 de fevereiro de 1938 [BNP, Esp. E₂₄/131].